

## O NOVO NORMAL E A CONSTITUIÇÃO DOS INDIVÍDUOS: TRILHANDO CAMINHOS DE VIVÊNCIAS E SIGNIFICAÇÕES

### *THE NEW NORMAL AND THE CONSTITUTION OF INDIVIDUALS: TREADING PATHS OF EXPERIENCES AND MEANINGS*

Gabriely Lolli de Oliveira<sup>1</sup>  
Daniela Dias dos Anjos<sup>2</sup>  
Karine Maria Heidemann<sup>3</sup>

#### RESUMO

Essa escrita tem como objetivo compreender as vivências trazidas pela pandemia, com a chegada do novo normal, através das respostas-narrativas de uma atividade oferecida ao grupo de alunas matriculadas no curso superior de Pedagogia em uma universidade privada do interior do estado de São Paulo. Essa atividade foi concebida a partir de outra narrativa, proposta aos alunos de mestrado e doutorado, da mesma universidade privada em questão, que estavam realizando o Estágio Docente em diferentes turmas da graduação, e que foram instigados pela docente responsável pela disciplina de Estágio a relatarem suas experiências enquanto estagiários. O estudo foi fundamentado a partir da abordagem qualitativa e sob o olhar da perspectiva histórico-cultural. Como resultado, somos capazes de perceber e refletir sobre as diferentes nuances do impacto que o novo normal trouxe para o cotidiano e para o desenvolvimento de si dos indivíduos, alterando as experiências e as significações. A análise das respostas-narrativas, apesar das particularidades de cada uma, evidenciou a importância das relações do eu-outro para fortalecer nossa existência; ao nos reconhecermos no outro, enxergamos a nós mesmos como pertencentes e ativos no meio que estamos inseridos.

**Palavras-chaves:** narrativas; relação eu-outro; novo normal.

#### ABSTRACT

*This writing aims to understand the experiences brought by the pandemic, with the arrival of the new normal, through the answers-narratives of an activity offered to the group of students enrolled in the Pedagogy course in a private university in the interior of the state of São Paulo. This activity was conceived from another narrative,*

<sup>1</sup>Doutoranda em Educação pela PUC-Campinas, desenvolvendo projeto na linha de pesquisa de Formação Docente e Práticas Pedagógicas (2024). Mestra em Educação pela Universidade São Francisco (USF), tendo desenvolvido projeto dentro da linha de pesquisa Formação de Professores, Trabalho Docente e Práticas Educativas. Possui Licenciatura em Pedagogia pela União Brasileira de Faculdades (UNIBF/2024) e graduação em Produção Audiovisual pela Escola Superior de Administração, Marketing e Comunicação de Campinas (ESAMC/2018). Especialista em Educação e Tecnologias, com vertente em Recursos de Mídias na Educação, pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar/2020). e-mail: g.briely@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutora e Mestra em Educação, pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), possui graduação em Pedagogia. Atualmente é docente do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco (USF), e atua na linha de pesquisa: Formação de Professores, Trabalho Docente e Práticas Educativas. e-mail: daniela.anjos@usf.edu.br.

<sup>3</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade São Francisco (USF) Mestre em educação com ênfase em práticas pedagógicas (2012) pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). e-mail: karinemheidemann@gmail.com.

*proposed to master's and doctoral students from the same private university, who were doing their Teaching Internship in different classes of the undergraduate course, and who were encouraged by the teacher responsible for the subject of Internship to report their experiences as interns. The study was based on a qualitative approach and from a cultural-historical perspective. As a result, we are able to perceive and reflect on the different nuances of the impact that the new normal brought to the everyday life and to the development of individuals' selves, altering experiences and meanings. The analysis of the answers-narratives, despite the particularities of each one, evidenced the importance of the relationships of the self/other to strengthen our existence; when we recognize ourselves in the other, we see ourselves as belonging and active in the environment in which we are inserted.*

**Keywords:** *narratives; relationship between self and other; new normal.*

## INTRODUÇÃO

Você foi convidado para essa leitura: Aceitar ou Recusar?

Desde a minha criação, em março de 2017, nunca havia encarado tamanho desafio. Conhecido tantos rostos. Conectado tantos lugares uns aos outros. E, principalmente, aprendido tanto! Ou você acha que só por que sou o Google Meet eu sei de tudo? Engano seu! Meu pai, o senhor Google, que sabe. Eu sou apenas uma extensão que, até a pandemia iniciar, as pessoas pouco utilizavam e pouco gostavam. Eu sei que não gostavam, vocês não precisam me bajular agora... Até hoje existem os resistentes a mim! Mas faço meu máximo para atender e respeitar a todos. Por exemplo, câmera e microfone desligados? Ok, quem sou eu para julgar. Vai que é timidez, né? Ou será por causa da cara amarrotada de sono? Enfim...

Além de mim, alguns conhecidos como Skype, Teams, Zoom, também precisaram redobrar o trabalho. Foram inúmeras reuniões, aulas, entrevistas, e descobrimos aquela situação que normalmente as pessoas vivenciam no mundo real, chamada: “essa reunião poderia ter sido um e-mail”. Pelo jeito, alguns costumes não somem nem mesmo no virtual.

Já se foram dois anos de pandemia e aos poucos a realidade está se ajustando, minha demanda de trabalho estabilizou e, para ser sincero, peguei o jeito! Pode acontecer uma travadinha de vídeo ali, um corte de áudio acolá, mas no geral, tudo funciona muito bem. Nesse semestre continuo com muitas turmas de graduação realizando as

aulas pelo meu intermédio, salas cheias com pessoas em diferentes lugares, todas caminhando rumo ao diploma.

Algumas turmas estão no começo da jornada, outras já bem próximas do grand finale, nesses alunos consigo perceber o cansaço e a ansiedade mesmo com as câmeras desligadas. A pouca participação durante as aulas também denuncia essa tensão, o foco de cada um ali é a exigência final, seja o TCC ou a última prova do semestre.

Apesar disso, o ânimo dos professores não se deixa abalar. Mesmo quando fazem algum questionamento ou pedem participação e o silêncio na maioria das vezes permanece o mesmo. Os alunos estão ali, mas não querem aparecer... Porém, os professores não perdem o fio da meada, seguem com as explicações, usando, claro, os ótimos recursos que ofereço! Apresentam slides com o conteúdo e vários vídeos tentando despertar a participação dos alunos. Dia desses, em uma das milhares de aulas que acompanho e garanto que aconteçam todos os dias, uma professora apresentou na aula um curta-metragem chamado “Cuerdas”, que conta uma história bonita mas um tanto triste, e uma das alunas (a única que mantém a câmera ligada) chorou com o final.

Aliás, a inclusão, que é o assunto do curta-metragem e é um tema tão importante, ganhou repercussão recentemente. Há algumas semanas vi que meu pai, o Google, ferveu de notícias sobre uma fala do ministro da Educação do Brasil, dizendo que pessoas com deficiência atrapalham. Fiquei surpreso como uma fala tão absurda pode vir de um ministro e num período em que estamos buscando avançar com a inclusão, para mostrar que todos temos direito de usufruirmos das mesmas coisas, lugares, tecnologias etc.

Vejo a urgência de tratar de temas como a Educação Inclusiva e não deixar com que as pessoas acreditem em falas infelizes. E para as turmas que estão prestes a sair da faculdade direto para a vivência educacional, é importante a compreensão do cenário educacional por completo, considerando todo o caminho que já foi percorrido e ajudando a assegurar mais conquistas, ordem e respeito.

Mesmo com as câmeras fechadas e as poucas vozes tímidas que aparecem quando são ligados os microfones, os futuros pedagogos dessa turma já enxergam os desafios pedagógicos, especialmente tratando-se da inclusão. Alguns já relataram sobre a experiência de estágio, alunos negligenciados, deixados de lado por serem

“diferentes” ou “difíceis de lidar” e, também, das vezes que colocaram nas mãos deles, estagiários, a responsabilidade de “tomar conta” do aluno com deficiência. Quando vejo os relatos acontecendo, me bate uma vontade de alguma forma me personificar e ter uma câmera e microfone para expressar minha indignação e contar sobre outras tantas histórias que ouvi durante a pandemia.

O que espero agora é que, quando tudo estiver o mais normal possível no mundo lá fora, que não me abandonem de uma vez e não esqueçam da minha existência... Eu gosto de vocês, mesmo quando vejo somente a foto, é bom ter companhia! Prometo continuar melhorando meus recursos, deixando tudo o mais acessível possível, para que seja interessante e funcional a qualquer um.

E prometo também não contar se você acordou cinco minutos antes de começar a aula, vai ser para sempre um segredo nosso...

Encerrar a leitura.

Quando nos encontramos no meio de uma pandemia global, tivemos que nos adaptar às regras e restrições vigentes. Após um ano de COVID-19, em 2021, o termo “novo normal” já era ouvido e falado em todos os cantos, usado como justificativa para maioria das situações. O novo normal era usar máscara para sair de casa, usar álcool em gel nas mãos, assistir aulas de forma remota. E, nesse último caso, além do estranhamento inicial de assistir a uma aula sem estar presente na escola ou faculdade, nos deparamos com diversas realidades que o contexto escolar não nos mostrava.

Em uma turma de graduação em Pedagogia no último semestre do curso, matriculados em uma universidade particular do interior do Estado de São Paulo, não foi diferente, percebemos que o novo normal afetou as relações da turma com os professores, as disciplinas e entre eles mesmos. Essa turma recebeu, para a realização do estágio docente no segundo semestre de 2021 na disciplina de Educação Inclusiva, uma das autoras do presente artigo.

Já habituada com a dinâmica das aulas da Pós-Graduação, nas quais a maioria dos alunos manifesta ideias e reflexões, as câmeras ficam a maior parte do tempo ligadas e a interação acontece, mesmo de maneira remota, a autora-aluna-estagiária se surpreendeu ao chegar na turma de graduação e notar a enorme diferença. O receio de estagiar deu lugar a

uma inquietação para responder alguns questionamentos: por que ninguém responde quando a professora faz perguntas? Por que não há discussão sobre os textos, sobre as novas ideias? Por que nenhuma câmera está aberta? O que (e por que) escondem esses alunos?

Por estar cursando a disciplina de Estágio Docente, na mesma universidade privada em questão, além de estar no Estágio propriamente dito, havia a oportunidade de compartilhar e ouvir dos colegas como estava sendo o processo de estagiar. Todas as quartas-feiras nos reuníamos pela manhã, junto a professora responsável pela disciplina, via Google Meet, para discutirmos nossas vivências e experiências com relação às respectivas disciplinas em que éramos estagiários. Era um momento único, pois ao mesmo tempo que levávamos nossas narrativas, podíamos ouvir as dos nossos colegas.

Assim, nesse processo de compartilhar e narrar, foi solicitado pela professora que escrevêssemos nossas experiências realizando o estágio, mas de uma forma diferente, como uma *pipoca pedagógica*. E nesse desenrolar, surgiu a *Carta do Google Meet*. Personificando a plataforma que passou a ser parte essencial do novo normal, foram levantadas as indagações e percepções do comportamento da turma de graduação que a mestranda estava acompanhando, de maneira descontraída, buscando não constranger os indivíduos envolvidos.

Após a professora ler as narrativas de todos, ela apresentou para a turma a carta do Google Meet, sugerindo que fosse usada como exercício para todas as turmas de graduação que acompanhávamos e que pedíssemos uma resposta dos alunos à carta. Como a versão escrita pela mestranda foi focada para a disciplina de Educação Inclusiva e, para o exercício fazer sentido nas diferentes turmas/disciplinas, foi feita uma pequena alteração no texto de maneira que a narrativa pudesse abranger a todos.

Pensando nas respostas recebidas e buscando os caminhos trilhados pelas narrativas dos alunos sob a perspectiva histórico-cultural, que nos apresenta as reflexões sobre o desenvolvimento do indivíduo a partir das interações sociais que o atravessam, o presente artigo tem o objetivo compreender as vivências trazidas pela pandemia, com a chegada do novo normal, através das respostas-narrativas da atividade oferecida ao grupo de alunas matriculadas no curso superior de Pedagogia em uma universidade privada do interior do

estado de São Paulo, analisando quais os posicionamentos, de falas e pensamentos, que esses indivíduos trazem após serem provocados pela carta do Google Meet.

Neste contexto de análise, é importante salientar que não temos a pretensão de aprofundar os estudos sobre a COVID-19 e a pandemia em si. Em vez disso, nossa abordagem se concentra em realizar uma análise cuidadosa, utilizando como base o recorte dos relatos de experiência dos indivíduos diretamente envolvidos nesse cenário desafiador. O propósito central dessa investigação é suscitar reflexões e fomentar discussões que transcendam as fronteiras da doença em si. Nosso olhar se volta para o papel crucial da educação na conscientização, especialmente no âmbito da saúde, abrangendo todos os sujeitos que compõem o tecido social. Ao explorarmos as narrativas pessoais, almejamos compreender como a educação pode ser um instrumento transformador, promovendo a disseminação de conhecimentos que contribuam para uma conscientização coletiva. Essa conscientização não se limita apenas ao entendimento da COVID-19, mas também abarca aspectos mais amplos relacionados à saúde, o bem-estar tanto físico quanto mental, aos desafios diários e às tantas situações que nos atravessam.

Iremos discorrer, primeiramente, sobre o perfil dos alunos e como a perspectiva histórico-cultural se encaixa, metodologicamente, no contexto. Em seguida, traremos trechos das narrativas e, por fim, faremos nossas considerações finais.

## 1. UM NOVO NORMAL... UM NOVO EU?

Com as respostas à Carta do Google Meet, conseguimos a chance de refletir sobre os diferentes perfis e realidades daqueles alunos que pouco conseguíamos ver os rostos ou ouvir as vozes, alunos que conhecíamos somente pelas fotos de perfil. De imediato, o grupo de alunos nos revela a primeira característica predominante: são mulheres. Pensando nos cursos de formação para a docência, principalmente os que são voltados para os anos iniciais, como no caso das Licenciaturas em Pedagogia, se tratam de cursos com um público majoritariamente feminino (Barduni Filho; Gonçalves; Ferreira, 2022, p. 240). Se no passado,

os homens mestres e colonizadores eram a maioria, passamos por uma mudança para chegarmos ao cenário que vivemos atualmente.

Segundo Vieira (1986) apud Ramos (2017): “foi em 1932 através do decreto no 21.417 que surgiu um instrumento jurídico para regularizar o trabalho da mulher considerando a condição de mãe e de gênero, tal decreto determinava instalação de creches em estabelecimentos com mais de 30 trabalhadoras e acima de 16 anos”. Portanto, quando pensamos na feminilização do magistério nos primeiros anos da escolarização, ou seja, na ocupação desse território infantil, isso tem a ver com a luta por esse direito ao trabalho e por consequência, pelo direito de ser mãe e trabalhadora ao mesmo tempo. (Barduni Filho; Gonçalves; Ferreira, 2022, p. 240-241)

Algo que podemos observar no decorrer da história é que, apesar das mulheres conquistarem o espaço e o direito para serem mães e trabalhadoras, a desvalorização e o desprestígio às acompanharam nesse processo. As mulheres são constantemente retratadas como indivíduos incompletos pela história. “O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro” (Beauvoir, 1980, p. 10). Ainda que tenham alcançado diversas conquistas nos âmbitos sociais, políticos, econômicos e culturais, elas ainda ocupam uma posição rebaixada na sociedade. E, se tratando do mercado de trabalho, mesmo com o aumento do público feminino, advindo da conquista por espaço e direito que falamos anteriormente, não há indícios de uma queda significativa da desigualdade entre homens e mulheres.

(...) o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho está mais vinculado à expansão de atividades ‘femininas’ do que ao acesso a atividades ‘masculinas’; as discriminações vertical e horizontal dos mercados de trabalho se reproduzem; a brecha salarial não foi reduzida (é maior quanto maior o nível de instrução); a taxa de desemprego feminina continua sendo superior à dos homens; e aumenta a presença de mulheres nas ocupações mais precárias. (Yannoulas, 2002, p. 28)

Assim sendo, essas alunas, integrantes de uma universidade da rede privada do interior do estado de São Paulo, trazem em si a luta pelo direito ao trabalho, ao estudo e, sem dúvidas, pelo direito de ser de quem são. E trazem em si, também, os conflitos, dificuldades e desafios para equilibrar todas essas facetas de um mesmo indivíduo - estudantes universitárias, trabalhadoras, esposas, filhas, mães - que se encontra inserido em um contexto social que,

muitas vezes, pode não facilitar os caminhos trilhados. Mas que, apesar disso, elas não deixam de ser pertencentes e protagonistas de suas histórias.

No decorrer de 2020 e 2021, com a chegada da pandemia, precisaram se reinventar, se reorganizar e, até mesmo, mudar por completo algumas atitudes para conseguirem dar conta da jornada que já era exaustiva e se dividia entre o trabalho, faculdade e casa. Enquanto alguns pararam completamente seus afazeres para ficar em isolamento com a chegada do dito “novo normal”, para outros, como as alunas do curso de pedagogia dessa pesquisa, a jornada que já era dupla, do dia para noite se transformou em uma interminável batalha diária de compromissos. E a realidade que se estabeleceu dessa forma não se tratava de uma novidade, pelo contrário, “um estudo de Gatti e Barreto (2009) mostra que os próprios docentes são provenientes de classes sociais desfavorecidas, especialmente aqueles que atuam na educação básica” (Melo, 2019, p. 42). Ou seja, são perfis que, antes mesmo da pandemia, provavelmente já estavam enfrentando outras dificuldades e questionamentos.

Como iremos analisar nos excertos abaixo, os movimentos cotidianos foram alterados, as casas foram invadidas pelos *googles forms*, *meets*, *drives* e tantos outros que nem sabíamos que existiam e que de uma hora a outra precisamos convidá-los para entrar e ficar em nossas residências. Nossa privacidade parecia não existir mais, pois em todos os aplicativos que entrávamos as opções de câmeras e microfones eram inúmeras. Aos poucos, fomos aprendendo e nos adaptando, optando por manter câmera e microfone desligados em alguns momentos ou até mesmo utilizar do recurso de alterar o plano de fundo de onde estávamos, para não exibir tanto nossas casas, quartos e intimidades.

Nesse emaranhado, cheio de questões e transformações individuais e, claro, do contexto social como um todo, buscamos aporte teórico em Vigotski para começarmos a entender melhor como essas alunas vivenciaram esses dois anos. Em sua teoria sobre a questão do meio e do sujeito, Vigotski (2010), nos diz que cada um irá vivenciar cada situação à sua maneira, de acordo com a influência que tal situação exerceu em seu desenvolvimento. Assim, a partir de agora, traremos os enunciados dessas alunas que enxergaram nessa atividade uma oportunidade para trazer à tona ideias e sentimentos, para analisarmos como cada uma significou, vivenciou e encaixou esses momentos de pandemia.

## 2. DESCOBRINDO CAMINHOS

O sol brilha lá fora, mas tenho medo de sair  
Quando vai voltar a ser normal existir?  
(...)  
Estranho me olhar no espelho e não me ver  
Estranho esse constante medo de enlouquecer  
Me escondo no meu pensamento  
Pra não pirar, nem escutar  
O que falam de mim, gostam de mim?  
Pessoas de máscara sorriem pra mim...  
*Eu nunca fui tão sozinha assim, Manu Gavassi*

Ao pensarmos nos elementos que nos constituem, conseguimos elencar alguns sentimentos que carregamos e que se tornam importantes em nossos processos de desenvolvimento, entre eles podemos citar a confiança, que é algo que buscamos consolidar para existir nos diferentes meios sociais que fazemos parte. Conforme esses meios sofrem alterações, os elementos que até então carregavam determinado significado, são transformados e passam a evidenciar outro tipo de sentido. Podemos dizer que foi essa a situação que a pandemia nos trouxe.

Estávamos seguros utilizando as tecnologias da maneira como, até então, era usual: escrever trabalhos, atualizar as redes sociais, ler as notícias nos portais online, assistir séries nos canais de streaming etc. Com o isolamento social e a impossibilidade de realizarmos qualquer atividade fora de nossas casas, um meio que antes era *só mais um* entre os demais, se tornou o *principal* em nossas vidas, alterando assim a relação e os sentimentos que tínhamos.

Para Vigotski (2010), em seus estudos sobre o meio, considera que

Os elementos existentes para determinar a influência do meio no desenvolvimento psicológico, no desenvolvimento de sua personalidade consciente é a *vivência*. A vivência de uma situação qualquer, a vivência de um componente qualquer do meio determina qual influencia essa situação ou esse meio exercerá na criança. Dessa forma, não é esse ou aquele elemento tomado independentemente da criança, mas, sim, o elemento interpretado pela vivência da criança que pode determinar sua influência no decorrer de seu desenvolvimento futuro. (Vigotski, 2010, p. 683-684)

Apesar do estudo de Vigotski (2010) tratar, nesse caso, das vivências de crianças, podemos relacionar com as vivências das alunas, jovens adultas que também se encontram afetadas e impactadas pelo meio que as cercam. Nesse sentido, para o autor, a vivência é uma unidade de análise, na qual, tanto consciência como personalidade, são fontes para significações e interações no desenvolvimento do sujeito em relação ao meio, ou seja, essa interligação ocorre por um prisma relacional entre sujeito e meio. Assim, podemos inferir, que durante o período pandêmico, as alunas vivenciaram de diferentes formas o referido “novo normal”. De acordo com a perspectiva histórico-cultural, tal fato é notório, pois as alunas são indivíduos concretos, históricos e sociais que vivem em diferentes contextos culturais.

Destarte, ao nos depararmos com as realidades vivenciadas por cada uma de nossas alunas ao longo do período pandêmico, relatado de forma narrativa por elas a partir da resposta à carta que foi solicitada, surgiu um caminho para compreender tal como as relações dessa unidade de análise foram significando para cada uma.

Primeiramente, buscamos entender, por meio do pressuposto teórico norteador, a conexão entre meio social, linguagem e narrativa. Partindo do pressuposto que, para a perspectiva histórico-cultural, o meio é essencial na interação com indivíduo para que ocorra o seu desenvolvimento. Nessa direção, fundamentalmente, para que esse processo de interação aconteça, se faz necessário o uso da linguagem. Nesse ponto, Smolka (2021) nos faz refletir que

A linguagem, concebida como atividade especificamente humana, como produção histórica, como produto resultante da atividade humana colaborativa é, ao mesmo tempo, meio/modo de realização da atividade, constitutiva do funcionamento psicológico, dos modos de falar, pensar, sentir, agir, lembrar, das pessoas em interação; meio/modo de conceituar a experiência. Instrumento de mediação por excelência, ela se constitui também como objeto de conhecimento na relação de ensino, enquanto arena de lutas onde se entrecruzam valores ideológicos contraditórios. (Smolka, 2021, p. 13)

Isto é, a linguagem é um instrumento cultural e semiótico que regula o comportamento individual e coletivo, mediando as atividades psíquicas de todos os indivíduos, equilibrando a

relação entre o *fazer* (falar, sentir, lembrar, escrever) e o *estabelecer* (conceitos, conhecimentos, experiências).

Ao passo que a linguagem é constitutiva da construção-humanização dos indivíduos inseridos nos diversos meios sociais, encontramos em Freitas (2019, p. 49), o enlace que procurávamos para compreender o papel que a narrativa teve naquele momento para o grupo de alunas. Segundo a pesquisadora, a narrativa age como um instrumento técnico-semiótico, na medida em que “narrar é uma atividade de linguagem sígnica, que incide sobre o sujeito que narra e regula seu pensamento”. Assim, a narrativa possibilita a quem se coloca a realizá-la, refletir sobre suas experiências e, a partir disso, transformar-se, possibilitando a transformação do outro à medida que as narrativas são partilhadas. Portanto, para essas alunas que aceitaram a proposta e se aventuraram no mundo da escrita, foi possível que tanto elas na posição de narradoras, como nós na posição de leitores, pudessem nos transformar, por meio das múltiplas experiências que ali nos foram relatadas.

A primeira resposta-narrativa que traremos é de Sônia, estudante do curso de Pedagogia do período noturno.

Realmente, parece que as aulas online cansam mais que as presenciais, o fato de ter que se locomover até a faculdade, ter contato com todos, ter um tempo para distração nos intervalos fazem a gente ter um ânimo a mais para as aulas. Agora nós tendo aula com você, querido Google Meet, nos deixa com uma percepção tão solitária.

Não é por mal, mas as vezes que não respondemos é por conta de todo barulho em nossa casa, nosso computador que trava ou o áudio que não sai na hora que queremos, parece que estamos todos tão sozinhos em meio a cem colegas conectados, parece que se falarmos vamos estar falando sozinhos. As câmeras desligadas são pelo fato que depois de um dia cansativo de trabalho não iremos tirar nosso pijama de florzinha para ficar na frente do computador, nosso cabelo estão presos em lindos rabos de cavalo e nossa cara de sono está ainda mais evidente, não é por mal esse desânimo, mas é por essa sensação de estarmos sozinhos nesse momento.

Só eu e você sabemos que estamos sim entretidos na aula, estamos prestando atenção e achando interessante, porém deitados e acabados em nossas camas. E sim, muitas vezes acordamos antes da aula, estamos jantando durante a aula, cuidando de filho, cachorro,

respondendo mãe, pai, irmão, pois nós entendemos que estamos em aula, mas para o resto do mundo só estamos na frente do computador passando o tempo, eles não entendem o nosso momento de aula, e ter aula em casa não é nada fácil.

Obrigada pela companhia nesses meus dois últimos anos de faculdade, logo você estará comigo acompanhando meu TCC, não trave, não caia, seja fiel e esse momento tão especial na minha vida que infelizmente terá que ser online mas com a sua eterna companhia! (Sônia, narrativa, 2021)

Percebemos nas palavras de Sônia um desabafo. As palavras “sozinho” e “solitária” aparecem mais de uma vez, evidenciando como a construção das relações do eu com o outro, durante a pandemia, foram fragilizadas, dando espaço para o sentimento de solidão, o qual se intensificou porque “o sujeito é constituído por meio da experiência social, histórica e pelo desdobramento da consciência” e tal desdobramento acontece, justamente, “pelo desdobramento na consciência do eu e outro” (Molon, 2015, p. 87). Ao nos privarmos dos meios sociais nos perdemos do outro, perdemos o “ânimo”, usando as palavras de Sônia. Nesse sentido, Vigotski elucidava que

*(...) o meio desempenha, com relação ao desenvolvimento das propriedades específicas superiores do homem e das formas de ação, o papel de fonte de desenvolvimento, ou seja, a interação com o meio é justamente a fonte a partir da qual essas propriedades surgem (...) O que significa essa lei que eu acabo de expor aos senhores? Ela significa algo muito simples: que o homem é um ser social, que fora da interação com a sociedade ele nunca desenvolverá em si aquelas qualidades, aquelas propriedades que desenvolveria como resultado do desenvolvimento sistemático de toda a humanidade. (Vigotski, 2010, p. 697-698) (grifos do autor)*

O desabafo da narrativa segue com Sônia descrevendo o ambiente ao seu redor, que parece agitado e pouco provável de ser o melhor lugar para o momento de aula e estudos, “para o resto do mundo só estamos na frente do computador passando tempo”, compartilha a aluna. Entretanto, essa realidade de Sônia e de tantas outras mulheres que são similares, mesmo que em níveis diferentes, não chegou com o novo normal, na verdade, é uma realidade ganhou força e escancarou as desigualdades de gênero e a sobrecarga feminina durante o período pandêmico, a reportagem de Raisa Gosch nos confirma tais informações.

No Brasil, 54,5% das mulheres com 15 anos ou mais integraram a força de trabalho no país em 2019. Cerca de um terço das mulheres (29,6%) estava ocupada em tempo parcial (até 30 horas semanais), quase o dobro do verificado para os homens (15,6%). Os dados são da última edição do estudo de Estatísticas de Gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil, que analisa as condições de vida das mulheres no país, feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (...) *Em 2020, com a pandemia da covid-19 e o isolamento social, a sobrecarga de trabalho entre as mulheres aumentou.* Quem já fazia jornada dupla, passou a fazer tripla, como explica Ana Claudia Rodrigues, de 48 anos, que é professora, pesquisadora, mãe e chefe do departamento de Botânica da Universidade Federal de Santa Catarina. “Parece que tenho que estar disponível 24 horas por dia”, diz Ana Claudia. A maioria das mulheres faz muito além das jornadas de trabalho, porque precisam dar conta dos filhos, do trabalho doméstico, das refeições, muitas vezes sozinhas. Em 2019, o levantamento de Estatísticas de Gênero, feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, (IBGE) constatou que *as mulheres dedicaram quase o dobro de tempo que os homens (21,4 horas semanais contra 11 horas) aos cuidados de pessoas ou afazeres domésticos.* (grifos nossos)

Os dados nos levam a refletir que, para essas mulheres, o momento de ir para a faculdade, as trocas com os professores e colegas de turma que acontecem presencialmente, longe do ambiente das casas onde, apesar de existir o lazer, também é o local para realizar diversos afazeres domésticos, se torna um momento particular, algo importante que é feito por elas, para elas mesmas. Mais uma razão para que a solidão sentida e expressada por Sônia, se manifestasse. A pandemia e o novo normal trouxe aos indivíduos diferentes tipos de perdas e colocaram em evidência sentimentos que, até então, estavam em segundo plano.

A partir da narrativa-resposta de Joice, notamos a montanha-russa que foi o enfrentamento desses sentimentos e das situações, o que antes era corriqueiro se tornou difícil, até mesmo estranho.

Hoje, dois anos convivendo com essa nova realidade que a pandemia nos trouxe, me coloco sempre a reflexão, pois todas as escolas que trabalhei vivenciaram as aulas online e a faculdade que se apresentava para mim em outro contexto, ambas se tornaram mais desafiadoras e diferentes, mesmo no ensino híbrido muitas realidades comuns ao meu dia a dia se tornaram distantes. Nas minhas reflexões percebo muitas mudanças positivas e negativas que o mundo online me trouxe, como

a falsa ideia de extensão do meu tempo em que não preciso me deslocar para realização, logo, tenho a possibilidade de aproveitar meu tempo para minhas demandas. Mas tudo isso é ilusório, sinto a dificuldade em parar e dar atenção total a uma coisa, me concentrar para absorção real dela, porque estou acostumada a querer fazer tudo e concluir todas as tarefas do meu dia, sem me sensibilizar com a importância delas. As aulas presenciais eram desafiantes e me sentia empolgada, ademais, no ensino online foi um desafio maior para ter uma real participação, sinto que as coisas ficaram distantes e o contexto de ensino e sala se transformou. O que facilmente eu iria expor na minha sala na faculdade presencial se tornou um grande desafio para ligar o microfone e falar, sinto que é uma quebra de uma zona que eu automaticamente entrei. Sempre gostei de expor o que sinto e penso, tinha facilidade em falar e organizar minhas ideias, talvez pelas aulas de teatro que fazia. Todavia, com a pandemia e tudo se tornar online me travei e bloqueei meus instintos automaticamente. (Joice, excerto de narrativa, 2021).

Enquanto indivíduos pertencentes da sociedade, buscamos segurança, confiança e estabilidade nos meios sociais que, ao se tornarem habituais, nos deixam calmos e indiferentes, pois as situações se tornam conhecidas por nós. Porém, quando esse hábito é rompido, imediatamente, a reação emocional que nos vem à tona é forte e vivaz. As emoções e a ansiedade surgem em nós sempre que nossos hábitos e, conseqüentemente, nosso equilíbrio são rompidos (Vigotski, 2014, p. 65).

A relação que Joice estabeleceu com o novo normal alterou não somente a realidade que conhecia, como também a si mesma. Alterações que, possivelmente, afetariam a realidade e a própria Joice de outra maneira, caso as relações e os encontros tivessem seguido, se desenrolando sem restrições e sem grandes mudanças. Para Vigotski (2003, p. 9), de acordo com Marx, “mudanças históricas na sociedade e na vida material produzem mudanças na “natureza humana” (consciência e comportamento).”.

Se essa ruptura se traduz em nosso fortalecimento e na superação das dificuldades com as quais nos confrontamos, sentimos emoções positivas: felicidade, orgulho, etc. Se, pelo contrário, o rompimento desse equilíbrio não nos beneficia, se as circunstâncias são mais fortes do que nós, e nos sentimos, em seu poder, conscientes da nossa impotência, fraqueza, fragilidade, surgem em nós emoções negativas: raiva, medo, tristeza. É perfeitamente compreensível que os períodos críticos da vida humana, os

períodos em que há momentos de mudança e reestruturação interna da personalidade, sejam especialmente ricos em reações emocionais ou em sentimentos. (Vigotski, 2014, p. 65-66)

Entretanto, mesmo com tanto acontecendo ao redor e dentro de si mesmo, temos que considerar a capacidade de criar e se adaptar em meio ao caos e a mudança, digo, ao novo normal, que observamos nas linhas escritas por cada aluna. As respostas-narrativas de Vitória e Catarina, que trazemos a seguir, nos mostram a resiliência e as transformações nas vidas de cada uma.

Mas sabe Google Meet, preciso te contar uma coisa, antes de te conhecer eu era péssima em usar as ferramentas digitais e toda essa parafernália tecnológica, no máximo usava o E-mail e o WhatsApp e te confesso que me senti assustada quando você chegou chegando e tomando conta do pedaço, mas você não imagina o quanto você foi necessário e quanta eficiência hein!? Quantos recursos você disponibilizou, não sei se consegue compreender tudo isso, mas imagina quantas aulas eu poderia ter perdido e quantas coisas legais que aconteceram através de você eu poderia não ter presenciado, quantos rostos eu poderia ter esquecido se não fosse a sua agilidade em conectar tanta gente ao mesmo tempo!? Eu sei que a maioria não gosta de aparecer, você mesmo disse que muitos tem vergonha ou apenas estão se escondendo e de fato, eu mesma tive dias péssimos em que estava do lado de cá, de pijama e deitada na minha cama e preciso te dizer que tiveram dias em que eu não estava com a mínima vontade mesmo, porém foram só alguns dias e tem mais a ver com o meu estado físico e de espírito do que com você, fique tranquilo, você realizou e ainda continua realizando um excelente trabalho, você realmente é demais! (Vitória, excerto de narrativa, 2021).

Nem acredito que chegamos até aqui. Nunca em minha vida eu imaginaria que você seria a principal via para que eu chegasse ao final de minha graduação. Mas tenho que confessar, a sua percepção a respeito da resistência e afeição por você não foram equivocadas, a mim, pelo menos, foi bastante difícil esta adaptação no início. Porém, como diria Charles Darwin “Não é o mais forte que sobrevive, nem o mais inteligente. Quem sobrevive é o mais disposto à mudança”, e hoje vejo que comigo foi exatamente assim, independente de querer ou gostar eu me dispus a esta nova realidade, pois desistir nunca foi

uma opção e, de certa forma, isso me fez mais forte. (Catarina, excerto de narrativa, 2021).

Percebemos o poder de criação tanto de Vitória quanto de Catarina, ambas combinaram novas situações e encontraram, cada uma à sua maneira, como seguir em frente com as suas vidas diante da nova realidade. Retomamos Molon (2015), em seu estudo de Vigotski, sobre subjetividade e a constituição do sujeito, somos apresentados às ideias do desenvolvimento humano, que acontece seguindo as relações e percepções do indivíduo com o outro, com a tomada de consciência, imaginação e criação. Indo ao encontro à reflexão que fazemos aqui, para a autora

A atividade criadora do ser humano projeta o homem para o futuro e para o passado, transformando o presente. (...) O homem não só se adapta à natureza, mas a transforma, e ao transformá-la transforma a si mesmo: ele sente, pensa, age, imagina, deseja, planeja, etc. O homem tem a capacidade de criar o mundo da cultura por meio dos instrumentos de trabalho e dos instrumentos psicológicos. (Molon, 2015, p. 95-96)

Ao trilharmos o caminho pelas respostas-narrativas das alunas, mesmo com suas particularidades e com o novo normal sendo enfrentado de diferentes olhares por cada uma, em um ponto todas se assemelham: a importância do outro para a construção e o desenvolver dos sentidos de nossas existências. A aluna Nicole, no fim de sua resposta-narrativa, deixa bem claro esse posicionamento ao escrever para o Google Meet: “Espero que você tenha vindo pra ficar e que seja cada vez mais útil para todos, mas nada supera o contato físico e social.” (Nicole, excerto de narrativa, 2021).

Podemos apontar essa necessidade do outro para o nosso próprio desenvolvimento através da construção de signos que as alunas-indivíduos nos trouxeram. Para Smolka, tal construção ressalta que

(...) nas formas de ação humana surgem dispositivos artificiais, sistemas de signos criados pelo homem e dirigidos para o domínio dos próprios processos psíquicos, Vigotski chama a atenção para o caráter de reversibilidade da criação humana: é o homem, na relação social, que cria signos, os quais, resultantes da ação humana, afetam e

constituem as funções psíquicas em suas (inter)relações (Vigotski, 1995; 2001; Smolka, 2015). Os signos mostram-se, portanto, constitutivos da e na dinâmica interfuncional sobre a qual atuam. (Smolka, 2021, p. 13) (grifos nossos)

E não apenas os signos que estão em evidência fazem parte das (inter)relações, devemos nos atentar às questões que não se apresentam de forma direta; Vigotski enfatiza que sempre há um pensamento oculto por trás das frases (Molon, 2015, p. 132). Os indivíduos podem esconder emoções, desejos, necessidades, que somente somos capazes de buscar e, talvez, alcançar, ao estabelecermos as relações diretas do eu com o outro, o contato social, o “olho no olho” que o novo normal deixou fora das nossas vistas durante os dois anos de pandemia.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Você quer olhar dentro de mim  
E me ver florescer?  
Você tem apenas um lado de mim  
Aqui está algo novo  
Eu estou viva apesar de mim  
E estou em movimento...  
*Veja Enquanto Floresço, Hayley Williams (Tradução nossa)*

193

Perguntar sobre como estavam sendo as experiências vividas pelos indivíduos que perpassam o presente estudo, tanto dos mestrandos e doutorandos quanto dos graduandos, fez aflorar o processo de olhar para si mesmo e, ao mesmo tempo, ao redor, para avaliarmos nós mesmos, o meio social, e quais os sentidos, ideias, emoções e relações que estavam, estão e serão desenvolvidas devido a pandemia da Covid-19 que todos nós experienciamos. A escrita da narrativa foi a chave para adentrar nesse processo, revelando a potencialidade que há no uso dessa linguagem. A potencialidade existe devido a construção de *signos* a partir da narrativa, que trazem a tomada de consciência, colocando os indivíduos como seres históricos, autores e fazedores de sua própria história (De Paulo Moura; Kieling Franco; Carvalho, 2022, p. 155).

Esses signos, expostos através das narrativas, afetando e constituindo as (inter)relações, nos contam sobre a necessidade do outro para o nosso próprio desenvolvimento. É na relação com o outro que o indivíduo adquire singularidade, seja esse outro representado dos mais diversos modos, “o outro corporificado, o outro imaginário, o outro difuso, o outro simbólico, outro anônimo, o outro generalizado, o outro oculto, o outro outro e o outro eu.” (Molon, 2015, p. 120).

É interessante que a vivência de um indivíduo aconteça de forma que ele tenha espaço, individual e coletivo, para refletir, delimitar e reestruturar suas ideias e significações. Individual e coletivo pois, assim como as alunas, enquanto indivíduos, carregam semelhanças em suas histórias/escritos, como a relação do eu-outro, entretanto, têm as particularidades de suas vivências, pois cada uma foi impactada de diferentes formas pelo novo normal.

Ao aceitarem realizar a atividade e nos entregarem as respostas-narrativas, as alunas dão cara, cores e enredo ao novo normal, que passa a constituí-las assim como os outros signos e elementos que já estavam ali, transformando e, de alguma forma, florescendo suas vidas, e, conseqüentemente, as vidas daqueles que através das narrativas, assim como nós, foram afetados pelas linhas e entrelinhas dos caminhos e vivências que foram contadas.

## REFERÊNCIAS

BARDUNI FILHO (UEMG), Jairo; GONÇALVES (UEMG), Brena Martins; FERREIRA (UEMG), Luyamara Guimarães. **Pedagogia É “Coisa De Mulher”?** Estereótipos De Gênero E Masculinidades Na Docência Com Crianças. Margens: Revista Interdisciplinar, [S.l.], v. 16, n. 26, p. 239-259, jun. 2022. ISSN 1982-5374. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/12159>>. Acesso em: 29 nov. 2022. doi:<http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v16i26.12159>.

BEAUVOIR, S. (1980). **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

DE PAULO MOURA, Késsia Mileny; KIELING FRANCO, Sérgio Roberto; CARVALHO, Herli de Sousa. **O despertar para a docência como profissão: o que revelam as narrativas autobiográficas digitais**. **Revista Teias**, [S.l.], v. 23, n. 71, p. 142-158, nov. 2022. ISSN 1982-

0305. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/70247/43960>>. Acesso em: 29 nov. 2022. doi:<https://doi.org/10.12957/teias.2022.70247>.

FREITAS, Ana Paula de. **A narrativa (auto)biográfica como meio/modo de elaboração de conhecimento de alunas de pedagogia no contexto da educação inclusiva**. In: BERNARDES, Eliza Mattosinho (Org.). *Narrativas e psicologia da educação: pesquisa e formação*. São Paulo: Terracota, 2019.

MELO, José Sebastião Andrade De. **Invertendo A Cena: O Cinema Com Vida Na Formação Cultural Docente**. Orientador: Márcio Norberto Farias. 2019. 97 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Lavras, Minas Gerais, 2019

MOLON, Susana Inês. **Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky**. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

SMOLKA, A. L. B. A perspectiva histórico-cultural como orientação para a análise do trabalho - desafios do trabalho pedagógico na contemporaneidade. **Horizontes**, [S. l.], v. 39, n. 1, p. e021028, 2021. DOI: 10.24933/horizontes.v39i1.1202. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/1202>. Acesso em: 9 nov. 2022.

195

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia Pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VIGOTSKI, L. S. **Quarta aula: a questão do meio na pedologia**. Tradução de Márcia Pileggi Vinha e Max Welcman. *Psicol. USP*. São Paulo, vol.21, n.4, 2010. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-5642010000400003&lng=pt&nrm=isso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-5642010000400003&lng=pt&nrm=isso). Acesso em: 20 ago. 2022.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Imaginação e criatividade na infância**. 1. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014. 128 p.

YANNOULAS, S.C. (2002). **Dossiê: políticas públicas e relações de gênero no mercado de trabalho**. Brasília: CFEMEA, FIG/CIDA.

---

Submetido: 16/11/2023

Aprovado: 20/04/2024